

Gênero e resistência na América Latina: uma análise do podcast *Las Raras*¹

Chelsea Karina de Brito²

Ariane Carla Pereira³

Universidade Estadual do Centro Oeste -Unicentro

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo aprofundar a discussão sobre a produção jornalística como uma forma de resistência e como promotor de direitos humanos, com foco no podcast *Las Raras*. Os conceitos centrais explorados nesta pesquisa incluem o jornalismo de resistência e aspectos de gênero. As teorias de Foucault serviram como aporte fundamental para compreender os exercícios e as relações de poder que impulsionam a resistência. A metodologia seguiu a linha de pesquisa estabelecida, utilizando a genealogia foucaultiana e a análise de discurso.

Palavra-chave: resistência; jornalismo; podcast; feminismo; américa latina.

Introdução

A resistência está diretamente interligada à condição humana, seja em âmbitos culturais, políticos ou populares. A luta por territórios, pela soberania dos corpos, pela liberdade frente às opressões estatais, pela defesa da biodiversidade (fauna e flora), pelos direitos dos povos originários e pela afirmação da identidade que nos pertence, e, em uma abordagem específica, pela identidade latina, são exemplos do resistir. A palavra resistência pode ser utilizada em diferentes contextos, onde divergem os significados e a própria aplicação de suas variações. Entretanto, este trabalho busca enfatizar o jornalismo de resistência, também chamado de jornalismo alternativo, que tem como definição:

uma imprensa que se caracteriza, principalmente pela tentativa de se fazer um jornalismo livre das pressões oficiais e econômicas (que comprometem a qualidade e a quantidade da informação na grande imprensa) e pelo papel de porta-voz ou meio de comunicação disponível de pequenos grupos (sejam eles de cunho comunitário,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna recém-formada no curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro, email: chelseakarina4604@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho e professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro, email: ariane@unicentro.br

ideológico, partidário, étnico ou religioso) (Pedroso, 2001, p. 55 *apud* Menezes, 2010, p. 64)⁴

Assim, o jornalismo de resistência permitiu que produtos e veículos especializados surgissem e atuassem no jornalismo livre. O podcast *Las Raras* é um exemplo disso. A produção nasce em 2016 com a finalidade de contar histórias que estavam à margem da sociedade, sendo um podcast independente. Sob a direção de Catalina May, jornalista chilena, e Martín Cruz, engenheiro de som o produto tem caráter narrativo/documental, em espanhol, e traz como slogan "Historias de libertad, sus protagonistas y paisajes sonoros"⁵, utilizando a força das narrativas pessoais das personagens para instigar diálogos que ultrapassam os relatos convencionais, tratando de temáticas relacionadas, principalmente, à emancipação individual em múltiplos temas.

Popularmente, o ato de resistir é entendido como um exercício de contrapoder. Isso significa que qualquer entrave contra forças coercitivas pode ser sim considerada resistência. Partindo deste pressuposto, os temas e a maneira como eles são narrados, pela jornalista e personagens de *Las Raras*, são exemplos desta manifestação de contrapoder.

Dessa forma, a discussão acerca do jornalismo como forma de resistência e como promotora de direitos humanos é o objetivo geral da pesquisa. E, de forma específica, o que se propõe é a análise dos modos como o podcast evidencia e aborda diversos aspectos ligados aos direitos humanos (e suas violações) na América Latina, além de demonstrar como o exercício da resistência se manifesta nas narrativas jornalísticas de *Las Raras*.

Relações de poder e gênero

Em *Las Raras*, Catalina e Martín destacam personagens de forma aprofundada, oferecendo ao ouvinte o espaço necessário para interpretar da sua maneira, evidenciando os temas e problemas da sociedade por meio de uma abordagem imersiva e do *storytelling*. Os episódios selecionados para a análise do corpus de pesquisa têm semelhanças entre si: a relação entre poder e aspectos de gênero. Essa escolha também

⁴ Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/679/1/2010_Dis_%20ASMenezes.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

⁵ Em tradução livre: "histórias de liberdade, seus protagonistas e suas paisagens sonoras".

se alinha à proposta inicial de examinar o jornalismo de resistência em povos latino-americanos.

O debate de gênero implica em diferentes formas da manifestação do poder, ou seja, não há como debater as relações de resistência associadas às questões de gênero, sem posicioná-las como oposição às relações de domínio. Neste contexto, o gênero por si emerge como uma categoria de análise, e que será explorada no decorrer da pesquisa.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (Scott, 1989, p. 92)⁶

Os episódios selecionados foram "*Llamadas en Espera*", no qual duas documentaristas denunciam o regime militar peruano que oprimia as mulheres do país a partir da esterelização em massa; "*Ana y el Sexting*" (Partes I e II), que contam a história de uma mexicana que sofreu ameaças, pornografia de revanche e extorsão; e "*La Red*" que apresenta uma rede de voluntárias para o apoio à mulheres de distintas violências na Colômbia. Em todos os episódios as mulheres são o centro da narrativa e protagonizam nuances da luta feminina, as violências enfrentadas e os direitos inerentes a este grupo.

Para determinar se essas histórias de *Las Raras*, podem ser consideradas atos de resistência, é fundamental analisá-las a partir de fundamentos teóricos que abordam ou conceituem o que é resistência, ou então, o contrapoder. Assim, os estudos foucaultianos serão a base e principal ferramenta de análise.

Para Foucault, antes de compreender o que é a resistência, é necessário refletir sobre as relações de poder que as pessoas exercem umas sobre as outras. Partindo disso, Foucault, afirma que “as relações são relações de força, enfrentamento, portanto, sempre reversíveis. Não há relação de poder que seja completamente triunfante e cuja dominação seja incontornável” (2006, p. 232).

Conforme o autor, o poder é muito mais que questões relacionadas ao Estado, figuras políticas ou às leis existentes. Para ele,

⁶ Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 11 jun. 2025.

As relações de poder são intrincadas em outros tipos de relação (de produção, de aliança, de família, de sexualidade) que desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado. [...] Seu entrecruzamento delinea fatos gerais de dominação, que esta dominação se organiza em estratégia mais ou menos coerente e unitária; [...] que não se deve, portanto, pensar um fato primeiro e maciço de dominações (uma estrutura binária com, de um lado, os “dominantes” e do outro, os “dominados”), mas, antes, uma produção multiforme de relações de dominação, que são parcialmente integráveis a estratégias de conjunto. (Foucault, 2006, p. 248-249).

Em outras palavras, a opressão nas relações de poder é circular, e a mesma pessoa que se encontra sob opressão, em outro aspecto, pode sim, atuar como opressor de alguém. Por isso, para Foucault, a definição mais precisa do poder é a de uma rede ou de uma malha, uma vez que tais relações são exercidas em múltiplos níveis e se interligam o tempo todo, provocando, conseqüentemente confrontos e disputas, ou seja, a resistência. “Não há relações de poder sem resistências, que estas são tão mais eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder” (Foucault, 2006, p. 249.)

Desse modo, o podcast debate as relações de poder, resistências e lutas de personagens reais, provenientes de países latino-americanos, e que, mesmo em territórios distintos, lutam por problemas semelhantes. Para Foucault, a análise levará em conta as estruturas de poder inerentes às narrativas, para assim, identificar os mecanismos pelos quais as resistências se evidenciam.

Metodologia

Como os conceitos teóricos apresentados até aqui partem de Foucault, a metodologia de pesquisa também seguirá a proposta do pesquisador francês. Assim, o fio condutor metodológico deriva-se da adaptação da proposta de Pereira (2018), embasada, de forma integral em Foucault, a qual é direcionada para a análise de objetos audiovisuais/em telejornalismo, e que neste estudo, avaliará a construção de gestos de leitura de podcasts. A autora sugere que os conceitos arqueologia e genealogia, elementos teóricos e metodológicos dos estudos foucaultianos, sejam aproximados do jornalismo. Apesar desta metodologia ser originalmente destinada à investigação de jornalismo para telas, é possível adaptar os mesmos conceitos para a realização de análises de conteúdos radiofônicos ou em áudio. Além do discurso da jornalista que

conduz os episódios, serão incorporados na análise os dispositivos das trilhas sonoras, o áudio ambiente valorizado, as entrevistas e o silêncio.

O caminho trilhado na etapa da análise levou em conta a complexidade dos conceitos e estudos em Foucault, ademais, o fato de a pesquisa ser produzida em um âmbito de graduação. Dessa forma, foram definidas questões compatíveis com os objetivos da pesquisa e que nortearão a análise. Sendo elas: 1) qual(is) direito(s) humano(s) o episódio aborda?; 2) esse direito humano foi abordado em outro episódio?; 3) se sim, os conteúdos desses episódios têm pontos de aproximação entre eles? Se sim, quais? Como isso é feito?; 4) há algum tipo de enfrentamento a essa violação dos direitos humanos? Qual(is)?; 5) Esse enfrentamento pode ser encarado como uma forma de resistência frente a um poder opressor?; 6) essa resistência pode ser tomada como exemplo para que seja empreendida também em outras situações de opressão e violação dos direitos humanos?; 7) qual o papel das personagens nesses episódios? São vítimas apenas? Além de vítimas, são também agentes de resistência e, portanto, de transformação social?

Análise

Quando as micro-lutas cotidianas se entrelaçam em pautas feministas, o direito da identidade feminina é subjugado, dando espaço para a dominação masculina. Neste capítulo, está presente a análise do corpus de pesquisa proveniente das perguntas que foram aplicadas a cada episódio selecionado. Inicialmente, cada narrativa será analisada individualmente, para em seguida, serem analisadas em conjunto.

Em *Llamadas en Espera*, duas documentaristas latinas (uma peruana, outra chilena), indignam-se e trazem à tona uma temática que parecia ter sido esquecida: A esterilização em massa e sem consentimento, que ocorreram no Peru, durante a ditadura de Fujimori.

As vítimas eram, em grande parte mulheres indígenas, mas também incluíam mulheres camponesas, analfabetas, que falavam somente *quéchua*⁷, de origem humilde. As documentaristas decidiram criar uma ação chamada “*The Quípu Project*”, na qual

⁷ Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Palavra: Quéchua. Definição: Língua que era falada pelos antigos quíchuas, sendo inclusive o idioma geral do Império Inca, e ainda hoje é falada por grupos indígenas dos países andinos, especialmente do Equador e do Peru. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=nek8E>. Acesso em: 11 nov 2024.

uma linha telefônica seria implementada em prol de denúncias, e, por estar conectada a um servidor na *web*, seria possível criar uma rede interativa e um registro oral dessas memórias. O episódio detalha as etapas pelas quais as documentaristas passaram, desde a ideia até a concretização do projeto final, que levou seis anos para ser concluído. As mulheres afetadas por esse caso se reuniram, forneceram depoimentos e formaram por fim, a grande rede.

As declarações das vítimas presentes no episódio⁸ revelam o caráter cruel ao qual as mulheres *quéchuas* foram submetidas. Elas tiveram seus direitos de escolha e liberdade reprodutiva negados, seu acesso à saúde comprometido e, de forma ainda mais grave, foram alvo de um ataque racial, resultando em uma dupla marginalização e negligência: enquanto mulheres e enquanto membros de povos tradicionais. A autora estadunidense, Judith Butler, afirma que,

As mulheres são definidas como aquelas cuja liberdade deve ser limitada pelo Estado. As pessoas que afirmam saber o lugar que as mulheres devem ocupar na vida social e política aderem a uma teoria de gênero muito específica. Elas não se opõem ao gênero – elas têm em mente uma ordem de gênero rigorosa e desejam impô-la ao mundo. Buscam restaurar e consolidar um sonho patriarcal de binarismos de gênero estabelecidos e hierárquicos, uma ordem que só pode ser alcançada destruindo – ou tentando destruir – a vida de outras pessoas. A destruição se torna, assim, paradoxalmente, condição de possibilidade de uma ordem patriarcal sexual e de gênero que tenta repelir a perspectiva do poder “destrutivo” do gênero. Em vez de evitar a destruição, o movimento contra a ideologia de gênero se dedica a criar um mundo cada vez mais destrutivo. (Butler, 2024, s.p.)

Em regimes ditatoriais, é perceptível que o ódio e violência contra as mulheres se acentuam, como demonstra a situação relatada nos episódios. Para as documentaristas, o enfrentamento e resistência perante esses crimes contra os direitos humanos, ocorreu por meio da produção audiovisual, garantindo que o discurso pertencesse às vítimas e que, por meio dele, elas também encontrassem uma via de resistência ao denunciar. Por isso, ao longo da obra, tanto as produtoras, quanto as vítimas foram agentes de transformação social, empoderadas pela própria voz.

Em Foucault, o discurso não é fonte nem origem do poder, mas “o poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (2006, p. 253). O discurso, portanto, refere-se ao ato de denunciar, ferramenta que exerce o poder, para assim, possibilitar o

⁸ Llamadas en espera. Disponível em: <https://lasraraspodcast.com/episodio/llamadas-en-espera/>. Acesso em: 11 jun. 2025

resistir ao opressor que, nesta situação, é, entre mulheres, o regime ditatorial e o Estado que não se responsabiliza pelas ações passadas.

O segundo episódio é *Ana y el Sexting*, dividido em duas partes, em que a protagonista da história, Ana Baquedano, durante a adolescência, tem suas fotos íntimas divulgadas por um ex-namorado e, anos depois, a foto é encontrada em uma rede de extorsão de mulheres e pornografia (inclusive, infantil).

Diferente do primeiro episódio, aqui a personagem narra os acontecimentos de sua própria história, desde pensamento suicida, até a decisão de publicar a própria foto nua como uma forma de resistir e não ceder às chantagens e ao medo da exposição.

A obra retrata experiências compartilhadas por inúmeras mulheres que enfrentam situações semelhantes, tendo seus direitos negados: proteção na infância, privacidade, integridade moral, e proteção contra exploração e abuso sexual, entre outras violações que afetam as vítimas diretamente. O pensamento suicida, para Foucault, é uma maneira de resistir e encontrar o caminho para a liberdade.

Portanto, para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja, sempre, dos dois lados pelo menos uma certa forma de liberdade. Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, [...] um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. (Foucault, 2006b, p.277)

Ana encontrou a resistência sem a necessidade de tirar a própria vida, tornando-se assim, agente de transformação ao relatar sua experiência e falar sobre o tema. Ela ministrou palestras em escolas, concedeu entrevistas denunciando a rede de extorsão e, por fim, impulsionou a criação de leis que penalizam a disseminação de fotos íntimas em seu país. Foucault (2006b, p. 277) potencializa a ideia de sempre há espaço para a liberdade e que o poder não é uma esfera dominante que controla tudo, ele infere que “nesse caso de dominação — econômica, social, institucional ou sexual — , o problema é de fato saber onde vai se formar a resistência”.

O terceiro e último episódio *La Red* narra a história de um grupo de mulheres voluntárias, que, durante a pandemia de Covid-19, estabeleceram uma rede de denúncias para outras mulheres. Essa rede registrou as mais diversas situações: variados tipos de violências (físicas e psicológicas) contra mulheres, que partiam principalmente de companheiros, pais, irmãos, e vizinhos. Além disso, mulheres em situação de vulnerabilidade social, sem acesso a alimentos, e até mesmo outras que sofreram

preconceito por serem estrangeiras e estarem no país ao longo do período. A rede evidencia a hostilidade do período da pandemia para as mulheres, evidenciando que, além do temor da doença, elas também precisavam lutar por suas vidas dentro de casa.

O episódio ressalta e relata duas maneiras pelas quais são exercidas as relações de poder: 1. A relação entre Estado e população, negligência no controle de denúncias e resoluções dos conflitos, visto que voluntárias cumpriram o papel de prestar apoio jurídico e psicológico às vítimas; 2. Micro-lutas nos lares, onde enfrentam violências e dominações por parte de familiares e vizinhos.

La Red ilustra a complexidade de resistir em contextos de vulnerabilidade e de uma sociedade em colapso, em meio à uma crise de saúde pública mundial. As voluntárias encontraram, por meio de mensagens de *Whatsapp*, uma maneira de acolher as vítimas que, neste episódio específico, resistem ao efetuar as denúncias.

A luta contra a violência na América Latina é ao mesmo tempo uma luta contra a violência estatal, o assassinato e a violação autorizados pelo Estado, especialmente sob a ditadura, mas também contra a violência cotidiana, a violência na família e nos locais de trabalho. Vejo que algumas das batalhas internas em que as feministas se envolvem não estão ocorrendo da mesma forma na América Latina. A aliança com as lutas antirracistas, anticapitalistas, queer, trans e indígenas permite que o mundo veja como a solidariedade pode ser dinâmica e poderosa. (Butler, 2022, s.p)⁹

A análise dos episódios em questões de gênero demonstrou o poder das narrativas jornalísticas no empoderamento feminino promovido por *Las Raras*. O podcast potencializa o discurso já evidenciado pelas personagens, que em suas próprias vidas, resistem em meio às relações de poder. O jornalismo, por sua vez, possibilita a disseminação dessa resistência, inspirando os ouvintes e concedendo o espaço para a voz de mulheres e suas lutas, sejam elas contra sistemas ditatoriais, contra violência física, psicológica, sexual, exploratória e contra o sistema, que permeia desigualdades entre homens e mulheres nas mais distintas áreas.

Considerações Finais

A resistência está indissociavelmente ligada às relações de poder e, sob a ótica foucaultiana, esse micro-enfrentamento se manifesta em toda e qualquer interação. *Las Raras*, como produto jornalístico, evidencia essa luta cotidiana de latino-americanos em

⁹ Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616813-nao-queremos-imitar-aqueles-que-nos-violam-entrevista-com-judith-butler>. Acesso em: 11 jun. 2025.

diversas temáticas. Foram observadas as características inerentes à prática do jornalismo profissional, aqui definido como jornalismo de resistência. Esse tipo de jornalismo oferece a grupos marginalizados, que não encontram voz nas mídias tradicionais, a oportunidade de alcançar justiça social.

Verificou-se, portanto, com base nas teorias de Foucault, que *Las Raras* desempenha um papel que pode ser categorizado como resistência. Nos episódios selecionados, que apresentam três protagonistas distintas, o podcast não apenas explana as narrativas, mas também discute a problemática e demonstra as estratégias de enfrentamento das situações, consolidando assim o exercício da resistência.

Em vista disso, é notável que a resistência se manifesta tanto nas narrativas das personagens quanto na própria produção do podcast. O emprego de áudios originais, a narração da jornalista Catalina, as sonoras, a trilha sonora e o próprio silêncio amplificam as histórias e demonstram a viabilidade de estabelecer resistência em relações de poder já estabelecidas.

Observa-se, por meio do processo de análise dos episódios, que a resistência se faz presente nas formas de narrar de *Las Raras*, que há uma clara manifestação, seja para exigir ou demonstrar, pelos direitos humanos, e que o discurso jornalístico se consolida como uma ferramenta de enfrentamento e transformação social, atuando como um agente modificador. Ademais, destaca-se que foram escolhidos episódios específicos para esta pesquisa. O podcast, em sua totalidade, abrange uma multiplicidade de temáticas e vertentes que poderiam, igualmente, ser objeto de futuras investigações.

Referências

BUTLER, Judith. Quem tem medo do gênero? Artigo de Judith Butler. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637390-quem-tem-medo-do-genero-artigo-de-judith-butler>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ESCOBAR, Paula. “Não queremos imitar aqueles que nos violam”: entrevista com Judith Butler. **Instituto Humanitas Unisinos**, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616813-nao-queremos-imitar-aqueles-que-nos-violam-em-trevista-com-judith-butler>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: ética, sexualidade e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

MENEZES, Antonio Simões. **Jornalismo de resistência: apropriação das estratégias discursivas do campo midiático pela Revista Sem Terra**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/679/1/2010_Dis_%20ASMenezes.pdf. Acesso em: 17 out. 2024.

PEREIRA, Ariane. Telejornalismo de ideias em defesa da equidade: a perspectiva de gênero aliada ao diagnóstico do presente. In: EMERIN, Cárlica (org.). **Metodologias de pesquisas em telejornalismo: o jornalismo para telas**. Florianópolis: Editora Insular, 2020. p. 135-146.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 1, p. 71-99, 1989. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Apêndice - Lista de episódios

Llamadas en espera (23m13s)

Site: <https://lasrarpodcast.com/episodio/llamadas-en-espera/>

2. Ana y el sexting, parte I (19m36s)

Site: <https://lasrarpodcast.com/episodio/ana-y-el-sexting-i/>

3. Ana y el sexting, parte II (15m32s)

Site: <https://lasrarpodcast.com/episodio/ana-y-el-sexting-ii/>

6. La red (28m)

Site: <https://lasrarpodcast.com/episodio/la-red/>